

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DANÇA E FISIOTERAPIA  
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

MÁRIO AUGUSTO DA ROSA DUTRA

**ENCRUZILHADAS E TRAJETÓRIAS DE UM MESTRE DE CAPOEIRA ANGOLA:**  
Ensaio sobre a educação e a cultura popular como conquista e ação política.

Porto Alegre

2022

MÁRIO AUGUSTO DA ROSA DUTRA

**ENCRUZILHADAS E TRAJETÓRIAS DE UM MESTRE DE CAPOEIRA ANGOLA:**

Ensaio sobre a educação e a cultura popular como conquista e ação política.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção da graduação em Bacharelado em Educação Física, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Prof<sup>ª</sup>. Orientadora: Raquel da Silveira

Porto Alegre

2022

MÁRIO AUGUSTO DA ROSA DUTRA

**ENCRUZILHADAS E TRAJETÓRIAS DE UM MESTRE DE CAPOEIRA ANGOLA:**

Ensaio sobre a educação e a cultura popular como conquista e ação política.

**Conceito final: A**

Aprovado em 18 de maio de 2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Mauro Myskiw – UFRGS

---

Orientadora – Prof<sup>ª</sup>. Raquel da Silveira – UFRGS

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar a minha mãe, Maria Eni da Rosa, que me criou com sacrifício e muita luta.

A minha esposa Andréa Flores, parceira incansável que durante a realização deste trabalho sempre esteve ao meu lado.

A minha filha Raíssa e ao meu filho, Lonã, o senhor dos caminhos.

Ao tio Calmo José da Rosa (in memoriam) meu padrinho e pai.

A minha orientadora Raquel da Silveira que acreditou, fortaleceu e qualificou esta ideia com os seus ensinamentos e muita paciência.

A família Africanamente Escola de Capoeira Angola.

Aos meus mestres, Fernando, Ratinho e Renê.

Aos mestres matrizes que implantaram a capoeira em Porto Alegre.

## RESUMO

A capoeira, é uma cultura do movimento corporal constituída por elementos de luta, dança e filosofia afrodescendente. Tem suas origens na resistência dos africanos escravizados no Brasil. Após décadas de proibição, perseguição e discriminação, atualmente a capoeira é praticada como esporte, lazer, promoção de saúde e educação, além de ser reconhecida como patrimônio imaterial da humanidade. Iniciei a aprender capoeira em 1988 e desde 1996 atuo como multiplicador desta arte. Este trabalho tem por objetivo identificar e apresentar as aprendizagens e práticas pedagógicas desenvolvidas durante a minha trajetória de 26 anos, como educador, mestre de capoeira, criador de uma ONG e gestor de projetos e espaços educacionais. Com base nos escritos de Paulo Freire, no livro Pedagogia da Esperança e de Pierre Bourdieu, no texto A Ilusão Biográfica, analiso os incidentes críticos ocorridos em minha vida, que levaram a mudanças ou reafirmações de saberes e fazeres. Como resultado, apresento cinco aprendizagens que fundamentaram meu trabalho: 1) Compreensão de que os negros brasileiros são descendentes de povos, com saberes milenares com culturas diversas e complexas; 2) Construção estratégias de promoção destes saberes, em especial a filosofia bakongo através das práticas vinculadas ao universo da capoeira; 3) Ampliação do meu papel como um agente de intervenção na realidade estabelecida, a partir da elaboração de iniciativas educacionais e sociais pautadas nas questões étnico raciais; 4) Busca por novos saberes que possam dar conta das exigências das dinâmicas dos novos momentos; 5) Formação de agentes multiplicadores comprometidos com a transformação social. Por fim, reconheço que precisam ser aprofundadas questões relativas a presença da teoria social crítica na capoeira, a contribuição do curso de educação física neste fazer pedagógico e as questões de gênero e orientação sexual na proposta educacional apresentada.

**Palavras-chave:** Capoeira Angola, Educação Física, filosofia bakongo, educação popular, Porto Alegre, Africanamente, trajetórias, encruzilhadas, mestre, cultura popular, cultura afro.

## SUMÁRIO

Introdução. ....	07
Escravidão, Matrizes culturais africanas, Cosmogonia Bakongo, Capoeira Angola. ....	11
Capoeira angola, educação popular, transformação social. ....	16
Africanamente, Ori Inu Erê, Escola de Capoeira Angola, Ponto de Cultura. ....	19
Universidade Federal, Mestre de Capoeira, Prêmio Culturas Populares. ....	21
Considerações finais: síntese das aprendizagens adquiridas. ....	25
Referências. ....	28

## **Introdução**

Em 2019, vivi três momentos de reconhecimento pessoal e profissional, os quais considero, de grande importância, resultantes de uma decisão tomada em 1988, quando em uma das encruzilhadas da vida, presenciei uma roda de capoeira no centro de Porto Alegre<sup>1</sup> e encantado, resolvi imediatamente fazer parte daquela manifestação cultural, que envolvia luta, dança, musicalidade e coletividade.

Após décadas de vivências, aprendendo com mestres, mestras e também ensinando sobre esta cultura do movimento, em escolas, associações comunitárias, clubes de mães, centros sociais, academias, espaços culturais e universidades, fui reconhecido em outubro do citado ano, como mestre de capoeira em cerimônia realizada na cidade de Salvador/BA, sendo que dois meses antes, em agosto, obtive o diploma de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por fim, em novembro, fui agraciado com o Prêmio Teixeira, honraria nacional concedida pelo Ministério da Cidadania através da Secretaria Especial da Cultura, às pessoas que desenvolvem trabalhos relevantes em prol da cultura popular brasileira.

Estes três momentos, marcos simbólicos de uma caminhada, que levou-me à lugares, onde, quando criança e mesmo já adolescente, eu jamais havia pensado a ir ou estar, motivaram-me a revisitar esta trajetória em busca de reler, reaprender e reinterpretar os processos, fatos e situações vividas, que *sulearam*<sup>2</sup> meu caminhar até este momento.

O objetivo deste trabalho é olhar para esta trajetória, para este processo de formação de ensino-aprendizagem, a partir da sua relação com os saberes e fazeres dos povos Bantu, em especial o povo bakongo, que é uma das matrizes mais importantes, para a continuidade deste pensamento africano no Brasil.

Neste sentido a opção para construir este trabalho é a partir da elaboração de um ensaio, inspirado na forma textual apresentada por Paulo Freire (1992) no livro *Pedagogia da Esperança*<sup>3</sup>, utilizando da minha experiência para pontos de inflexão na minha trajetória, sempre atentando para, na medida do possível, não cair nas armadilhas da ilusão biográfica, conforme alerta Pierre Bourdieu (1998, p. 185) sobre os equívocos de se construir uma narrativa justificada pelo momento presente.

---

<sup>1</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> *Sulear*, expressão usada em contraponto ao verbo *nortear*, como uma expressão de resistência as referências colonizantes que colocam a Europa (norte) como algo a ser buscado.

<sup>3</sup> Livro publicado por Paulo Freire em 1992.

Dito isso, procurarei neste trabalho compartilhar lembranças, experiências, vivências e situações de aprendizagem-ensino-aprendizagem, que compõe a minha trajetória enquanto educador e mestre de capoeira, observando que estas experiências relacionadas a capoeiragem, se misturam e confundem-se com as experiências da vida não capoeirística, mostrando-se como uma teia que articula uma infinidade de pessoas e acontecimentos, fundamentais na estruturação de minha identidade, do meu caráter, em fim deste sujeito que ora escreve, um homem negro, periférico, que a partir da prática da capoeira, torna-se educador, ativista social, empreendedor, professor de educação física e mestre da cultura popular.

Para começar, informo que a cultura do movimento ou da atividade corporal, desde muito cedo faz parte da minha vida. Segundo minha mãe, eu era uma criança arteira, que não parava quieta. Inclusive causando alguns problemas em seu trabalho como empregada doméstica, que morava na casa dos patrões, situação comum na década de 1970, em Porto Alegre e em todo o Brasil, que além de exigir uma disponibilidade permanente, exigia uma presença, com exceção nas atividades de labor, o mais discreta, para não dizer, invisível possível. Conforme Virginia Pereira (2012) este sistema de trabalho, é uma herança cultural escravocrata mantida na pós abolição, vivida principalmente pelas mulheres negras, de origem rural, que vinham trabalhar na capital.

Ao completar 06 anos e idade, fui morar com minha vó materna, na comunidade da Prainha, pequeno vilarejo, localizado no município de Maquiné, interior do estado do Rio Grande do Sul. Lá fiquei por 02 anos e aprendi muitas lições com os mais velhos e com as mais velhas do local, que eram remanescentes de quilombos e ainda mantinham um modo de viver centrado na terra, na compreensão de família extensiva<sup>4</sup> e na coletividade.

Posteriormente, com uns 09 anos, passei a morar em Gravataí, região metropolitana de Porto Alegre, onde mantínhamos, principalmente por questões financeiras, a ideia de “familião”, com vários tios e tias-avós, primos, primas e mais um monte de gente, que moravam no mesmo pátio. Nesta época a brincadeira era jogar futebol, correr, pular valão<sup>5</sup> e lógico, numa cultura onde o gênero é um dos organizadores da vida social, jogos de combate eram muito presentes, como símbolos de masculinidade e virilidade, aliás, talvez seja por isso

---

<sup>4</sup> Família que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais a criança ou adolescente convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade.

<sup>5</sup> Córregos ou valas por onde passam esgotos ou água.



que adorava assistir os filmes de artes marciais que passavam na televisão. Uma vez, creio que por volta de 1980, surgiu um rumor que tinha um cara que jogava capoeira e que estava morando na vila, porém, como não sabia direito o que era a tal da capoeira e como pelo jeito, ele ficou pouco tempo por lá, não tive nenhum contato.

Em 1984, com 14 anos, comecei a trabalhar e então mudamos para Porto Alegre, porém para uma casa alugada. Eu trabalhava de dia, estudava de noite, mas mantinha o desejo de aprender algum tipo de luta, porém não sobrava tempo e ainda tinha o problema das mensalidades que não cabiam no nosso orçamento familiar.

Quando completei, em 1987, o 2º Grau<sup>6</sup>, parei de estudar por uma série de fatores, como a sensação de já ter atingido o nível máximo de escolaridade padrão das pessoas de minha convivência e também por dificuldades familiares, pois minha mãe desenvolveu a dependência pelo álcool e isto impactou muito o ambiente de casa e muitas noites para evitar conflitos, eu saía do trabalho e ficava perambulando no centro da cidade.

Justamente numa dessas caminhadas, eu vi uma roda de capoeira. Era início de 1988 e lembro ser comum, nas sextas feiras, ao final da tarde, os jovens, majoritariamente negros, reunirem-se na esquina da Rua dos Andradas com a Rua Borges de Medeiros, como disse anteriormente, uma encruzilhada, onde se trocava informações sobre as festas do final de semana, namorava e curti as atividades culturais que aconteciam ali, como as rodas de *breakdance*<sup>7</sup> e capoeira.

Confesso que não prestava muita atenção à capoeira, mas em uma destas noites, algo estava diferente. Parei para olhar e tudo me encantou, fiquei até o final, algo em torno de duas horas, parado, em pé, hipnotizado, acompanhando os movimentos, os cânticos, os ataques e as esquivas, as acrobacias e os jogos<sup>8</sup>, que eram mediados por um capoeirista mais velho, que parecia ser mais experiente.

Ao término da roda, este senhor se apresentou, se identificando como Mestre Miguel<sup>9</sup>, disse que era natural da Bahia e começou a falar sobre a importância da capoeira como uma luta criada pelos negros contra a escravidão e que ela devia ser praticada por todas as pessoas

---

<sup>6</sup> Desde 1996, a esta última etapa da educação básica, antes conhecida por 2º grau, passou a ser denominada de Ensino Médio.

<sup>7</sup> É um estilo de dança de rua, criada nos Estados Unidos, na década de 1970.

<sup>8</sup> É como os capoeiristas denominam o ato de entrar na roda para praticar a capoeira.

<sup>9</sup> Mestre Miguel Machado, foi um dos mestres matrizes da capoeira no RS. Chegou a Porto Alegre em 1981.

que desejavam um mundo melhor, sem preconceito e discriminação, lembrou também que naquele ano, estava completando 100 anos da abolição da escravatura.

Escutando o mestre falar, eu compreendi que a sua presença e sabedoria, é que faziam aquele momento ser diferente. As suas ideias eram impactantes e ajudavam-me a entender diversos conflitos pessoais, como a negação da minha negritude. Posteriormente, ao conhecer o trabalho de Simone Vassalo (2011), sobre os significados políticos da capoeira, sendo um deles, a construção da identidade negra, compreendi de maneira mais profunda o que senti naquele momento.

Ao final da roda, procurei um dos integrantes do grupo, para saber onde eles treinavam e o que deveria fazer para participar das aulas. Assim, neste mesmo ano, iniciei na capoeira com o professor Fernando, aluno de Mestre Miguel, do Grupo Cativoiro.<sup>10</sup> Uma das primeiras lições recebidas foi que para compreender a capoeira era necessário conhecer a história dos povos africanos que foram trazidos para o Brasil, as suas contribuições na formação cultural do nosso país e os desafios enfrentados pelos afrodescendentes nesta nova realidade.

Esta busca por informações sobre a cultura da capoeira acabou me levando a um processo de autoconhecimento, possibilitando um maior entendimento sobre a minha história de vida pessoal e coletiva.

Diante do exposto, apresento este trabalho com objetivo de compartilhar algumas aprendizagens e reflexões, suscitadas por acontecimentos marcantes, que Bolívar (2002) conceitou como incidentes críticos, ou seja, momentos ou situações que levam a decisões, como mudanças ou reafirmações de práticas ou comportamentos, no âmbito profissional e/ou pessoal.

Estes incidentes críticos são, portanto, encruzilhadas que nos oferecem múltiplas possibilidades de escolhas, para fazer e ser, construindo nossa identidade no tempo presente.

Concluo esta introdução e apresentação, convidando-os para me acompanhar neste processo, que os povos de língua Akan, da África ocidental, identificam como sankofa (sanko = voltar; fa = buscar, trazer), de olhar para o passado, para buscar e entender, quando e como foram plantadas algumas sementes, que nos alimentam na atualidade.

Como não poderia ser diferente, começo esta narrativa a partir das indagações surgidas, durante o meu processo de iniciação a capoeira e as minhas incursões em busca de saberes relativos a escravidão no Brasil e os principais grupos étnicos que contribuíram para a

---

<sup>10</sup> O Grupo Cativoiro Capoeira foi fundado em 1978, em São Paulo/SP, por mestre Miguel.

formação cultural do nosso País, dando ênfase na cosmogonia<sup>11</sup> dos bakongo, em seguida, trarei algumas informações históricas sobre a capoeira, finalizando com uma breve conceituação sobre Capoeira Angola.

### **Escravidão, Matrizes culturais africanas no Brasil, Cosmogonia Bakongo e Capoeira**

Nas décadas de 1980 e 1990, o acesso a estas informações ainda eram bastante escassas e os materiais disponíveis, eram geralmente produzidos numa perspectiva racista, que desvalorizava ou estereotipava a participação dos afrodescendentes e a história dos africanos no Brasil.

As primeiras fontes que busquei para saber, além do que os livros escolares ensinavam, foram o meu professor de capoeira e os colegas de grupo mais experientes, que também já tinham vivido este desejo de querer conhecer a origem e o desenvolvimento da capoeira.

Muito superficialmente, mais dando pistas do que respostas, disseram-me que os negros foram trazidos pelos portugueses, logo após o descobrimento<sup>12</sup> do Brasil, para trabalhar como escravizados nas plantações e que a capoeira foi uma luta criada pelos africanos para lutar e se libertar daquela cruel situação. Até aí nada de novo, porém disseram, que eu poderia saber mais pesquisando na Biblioteca Pública do Estado<sup>13</sup>.

Nas visitas à biblioteca e na convivência com o grupo de capoeira, pude entender que o processo de escravização de pessoas, não era algo restrito ao povo negro, tendo sido praticado em diversas partes do mundo, desde o período antigo da nossa era comum, por diferentes povos e por diferentes motivos, como dívidas, espólios de guerras e distinções de classe. Sendo considerado escravo, o indivíduo que perdia quase todos os direitos sobre si, sobre o seu trabalho, juntamente com a privação do direito de ir e vir de forma autônoma.

Foi uma descoberta importante e libertadora, pois de grosso modo, tudo que eu sabia sobre a escravidão era sempre uma situação atrelada ao povo negro, como algo dado, natural e

---

<sup>11</sup> As cosmogonias são histórias ou mitos sobre a criação do universo, o sentido da vida humana e as relações com entidades sobrenaturais, divinas ou simplesmente não-humanas.

<sup>12</sup> Descobrimento ou invasão. Eis questão?

<sup>13</sup> A Biblioteca Pública do Estado (BPE), instituição da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), criada pela Lei nº 724, de 14 de abril de 1871, conta com uma coleção de 250 mil volumes que representam o mais importante conjunto bibliográfico de salvaguarda da Memória Sul-Rio-Grandense e de imensurável representatividade junto à Memória Nacional.

não, uma construção moderna implantada pelos europeus, legitimada em torno da noção de que a raça branca é superior as demais raças, em virtude da cor da sua pele, que são passíveis coletivamente de serem escravizadas.

Com efeito, tomar consciência de que tal situação foi construída, me possibilita acreditar na possibilidade e no dever de colaborar na desconstrução desta verdade e dos efeitos gerados nos aspectos sociais, culturais, econômicos e identitários dos afrodescendentes no Brasil.

Neste propósito sigo pesquisando e identifico que, em virtude de interesses<sup>14</sup> econômicos, compreensões teológicas, expansão territorial e processos de colonização, entre os anos de 1525 e 1851, milhões de africanos foram trazidos para o Brasil das mais diferentes partes do continente, compondo uma multiplicidade de etnias, classificadas, superficialmente, em dois grandes grupos linguísticos, os sudaneses e os bantu.

Conforme Prandi (2000), os sudaneses constituem os povos que conhecemos pelos nomes genéricos de nagôs ou iorubás, são originários da Nigéria, Daomé e Costa do Ouro, situados nas regiões que hoje vão da Etiópia ao Chade e do sul do Egito a Uganda, mais o norte da Tanzânia. São formados por inúmeros grupos linguísticos e culturais que compuseram diversas etnias que abasteceram de escravos o Brasil, principalmente o estado da Bahia.

Os bantu, são originários do Congo, Angola e Benguela. Estão localizados mais para o sul, logo abaixo dos limites sudaneses, compreendendo as terras que vão do oceano Atlântico ao Índico até o cabo da Boa Esperança. De acordo com Kabengele Munanga (2009), no Brasil foram distribuídos nos mercados escravos de Pernambuco, Alagoas, Maranhão, Pará, Rio de Janeiro e São Paulo, sendo chamados de negros de angola. No entanto, apesar do termo Angola ter se destacado no Brasil, de acordo com Helder Ponte (2006), Angola era um espécie de sub-reino, originariamente conhecido por Ndongo, que fazia parte do grande do Reino do Congo, que era composto por diversos reinos menores, de onde foi trazido durante muito tempo, um grande número de pessoas escravizadas, que literalmente construíram o Brasil.

Saber da pluralidade dos povos africanos, destas matrizes culturais africanas, proporcionou o entendimento e reconhecimento da diversidade e riqueza cultural produzida

---

<sup>14</sup> Sobre os motivos da escravidão dos africanos, existem diversos trabalhos publicados.

por homens e mulheres, que no processo de escravidão, foram desumanizados e tiveram sua história milenar apagada, negada ou deturpada, a seus descendentes na diáspora.

No entanto, considerando que a capoeira, herança bantu no Brasil, é parte central deste ensaio, me coloco na responsabilidade de abordar com mais detalhes, um pouco da visão de mundo dos bakongo, grupo étnico que deixou fortes influências no processo civilizatório brasileiro.

Sobre este assunto, Santos (2019) afirma que o povo bakongo tem como base do seu sistema cultural e religioso, a ideia de um universo duplo, no qual coexistem dois mundos, um visível que é o mundo dos vivos e um invisível, que é o mundo dos ancestrais e espíritos. Para eles, a vida não tem fim, sendo a morte e o nascimento, apenas transições entre estes dois mundos, num círculo infinito.

Para os bakongo, a circularidade simboliza um princípio, uma espécie de força em movimento, e devido a ela, a terra e tudo que há nela, está em dinamismo perpétuo. O ser humano na concepção bakongo, segundo Santos (2019) é tanto um ser espiritual, quanto um ser de matéria, um corpo físico, dotado de inteligência, como também de intensa força vital. Sendo a pessoa, constituída de corpo, mente, cultura, e principalmente pela palavra, que pode ser compartilhada através de cânticos, ou de histórias contadas pelas pessoas mais velhas.

Estudos linguísticos demonstram a presença no Brasil, de elementos originários da língua kikongo, falada pelos bakongo na região do Congo e das línguas kimbundo e umbundo, faladas na região de Angola. Além disso, é possível perceber que diversas reminiscências da filosofia e cosmogonia bakongo, também são preservadas em nosso país, através de manifestações religiosas com umbanda e o candomblé de angola, ou culturais, como o samba, as congadas, os maracatus e a capoeira.

Tanto que, o reconhecimento de elementos éticos e filosóficos bantu presentes na lógica interna da capoeira, questiona entendimentos sobre a capoeira ser uma expressão cultural tipicamente brasileira, considerada na década de 1970, como esporte nacional, síntese das culturas africanas, europeias e indígenas, numa alusão a harmonia das três raças e do mito da democracia racial brasileira.

Com efeito, passo a entender a capoeira como *continuum* cultural de homens e mulheres trazidas do continente africano para o Brasil, principalmente da região Congo-Angola, durante o período da escravidão.

Historicamente a capoeira foi reprimida, criminalizada, e após considerada esporte nacional, incluída nos PCNS<sup>15</sup> como instrumento pedagógico na área da educação física, e por fim, reconhecida como patrimônio cultural brasileiro e mundial.

Como reflexo de todos estes atravessamentos, a capoeira na atualidade se apresenta, conforme Palhares (2019), através de três formas ou estilos: capoeira angola, capoeira regional e capoeira contemporânea. Sobre os estilos de capoeira, existe farto material produzido, porém, em virtude de ser o estilo capoeira angola, que escolhi para aprender e que há mais de duas décadas e meia, passei a ensinar, acredito ser importante, descrever um pouco desta modalidade, que inicialmente era chamada de brincadeira dos negros de angola.

A capoeira angola passou a ter esta denominação, por volta da década de 1930, como uma forma de demarcar e preservar a sua origem africana, frente à criação de outros estilos, que defendiam conceitos de brasilidade e promoviam a inclusão de golpes de lutas estrangeiras, ao mesmo tempo em que desvalorizavam elementos lúdicos e filosóficos, para dar ênfase na eficiência técnica de combate.

Enquanto isso, os mestres e mestras, que se identificavam com a capoeira angola, assumiram o papel de guardiões e guardiãs, de princípios e fundamentos éticos ancestrais, como a manutenção da sua vida através da defesa corporal, juntamente com a valorização da ritualidade, da musicalidade, da execução de movimentos corporais cadenciados e de acordo com o ritmo executado pela orquestra percussiva, do reconhecimento da importância dos saberes das pessoas mais velhas, que transmitem seus conhecimentos às novas gerações através da oralidade e da expressão corporal, do fazer coletivo e da consciência de que cada pessoa desempenha um papel específico, dentro do todo, mas que de acordo com a necessidade, esta função pode ser diferente e circular por e para outras pessoas. Assim, a capoeira angola se apresenta desde o tempo da escravidão, como um instrumento de resistência física, mental, espiritual e de preservação de uma visão de mundo.

Por fim, concluo este pensamento, afirmando que para as pessoas praticantes de capoeira angola, o tempo e espaço são relativos, assim, como é aceita a compreensão de que existem mundos visíveis e invisíveis, e que durante a realização de uma roda de capoeira angola, estes mundos podem interagir. A capoeira angola, até os dias atuais, preserva valores

---

<sup>15</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais, são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal com o objetivo principal de orientar os educadores por meio da normatização de alguns fatores fundamentais concernentes a cada disciplina.

como ancestralidade, oralidade, coletividade, complementaridade, senioridade, corporeidade, musicalidade e transgeracionalidade, que organizam as relações internas e externas dos membros dos grupos e escolas, ou como, carinhosamente estão sendo chamadas, famílias de capoeira angola.

Foram cerca de oito anos de aprendizagem sobre capoeira, através dos ensinamentos obtidos junto aos meus primeiros mestres, nas pesquisas realizadas na biblioteca pública e com os amigos mais velhos que faziam parte de movimento negro organizado de Porto Alegre, que frequentemente me convidavam para reuniões de estudos, palestras e eventos.

Como resultado deste processo, aprimorei meus conhecimentos técnicos e teóricos sobre a capoeira. Descobri que escravidão era uma prática histórica, presente em diversas sociedades antigas e que somente a partir do século XVI ela passa a ter o fator racial como determinante. Compreendi que os africanos que foram trazidos ao Brasil, eram povos heterogêneos, com culturas, línguas e costumes diferentes. Que entre eles, os bakongo, pertencentes ao tronco linguístico bantu, um dos povos que mais influenciou na construção social brasileira, compreendiam a existência de dois mundos paralelos, o mundo das pessoas visíveis e mundo das pessoas invisíveis, morada dos ancestrais e que apesar dos horrores da escravidão, diversos valores civilizatórios africanos se mantêm preservados e divulgados através de manifestações culturais como a capoeira angola.

Consciente da importância destes conhecimentos e desejoso em repassar estas informações, que me possibilitaram ter uma visão mais positiva sobre mim e sobre o legado dos afrodescendentes no Brasil, em 1996, recebi a permissão para dar aulas de capoeira angola para crianças e adolescentes que participavam dos projetos sociais desenvolvidos pela FASC<sup>16</sup> – Fundação de Assistência Social e Cidadania, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

E então, começa a minha história como educador, ou melhor, como eterno educando, pois a teoria pedagógica era bem distante da prática e continuar aprendendo, tanto os ensinamentos da capoeira, como os ensinamentos produzidos no dia a dia com as crianças, foi fundamental para continuar trilhando este caminho que me trouxe até este momento.

---

<sup>16</sup> Fundação de Assistência Social e Cidadania – FASC é o órgão gestor da Política de Assistência Social no Município de Porto Alegre, responsável pela oferta de serviços, programas e benefícios que promovam a inclusão de cidadãos, famílias e grupos que se encontram em situação de vulnerabilidade e risco social.

### **Capoeira angola, educação popular e transformação social.**

Quando comecei a treinar capoeira, eu era uma pessoa vinculada ao estudo das ciências exatas, que trabalhava e concentrava meus conhecimentos na área da administração e da contabilidade empresarial. Iniciei neste campo profissional, em 1984, aos catorze anos de idade, como *office boy*<sup>17</sup> para ajudar nas despesas familiares.

Durante 08 anos, desenvolvi paralelamente, minha aprendizagem nas questões que envolviam a capoeira e o meu trabalho numa empresa de consórcio.

Em 1996, mudanças na estrutura organizacional da empresa, aliado a oportunidades de trabalhar ensinando capoeira nos centros sociais, fizeram com que eu solicitasse a minha demissão e entrasse no mundo das ciências humanas, mais especificamente no campo da cultura e educação popular. Acreditando que seria uma transição tranquila, pois tinha um entendimento que as atividades vinculadas às áreas humanas, seriam menos exigentes que as tarefas relativas aos cálculos lógico-matemáticos. No entanto, nas primeiras experiências educativas percebi, de maneira nada agradável, o quanto estava equivocado.

O meu primeiro trabalho como oficinairo de capoeira, foi no CECOBÍ – Centro Comunitário do Bairro Ipiranga. Cheguei lá, indicado pela ACO<sup>18</sup> – Associação Cultural de Oficinairos de Porto Alegre e acreditava estar totalmente preparado para desenvolver uma ótima vivência de capoeira, pois, a partir da consulta em livros de recreação e educação física, elaborei um plano de aula, onde ensinaria os movimentos básicos de capoeira, com tempo determinado para cada atividade.

Porém, a realidade se mostrou bem diferente da expectativa. O horário da aula era das 09h às 11h. A coordenadora do projeto me apresentou para a turma. Desejou-me sorte. Virou as costas e saiu. E eu fiquei durante duas horas, pedindo atenção, separando brigas e levando crianças no banheiro, enquanto tentava colocar o plano de aula em prática, sem nenhum sucesso.

Ao terminar a aula, saí do centro comunitário, com um sentimento de frustração terrível. Fui para casa chorando e decidido a não voltar mais. Posteriormente, um pouco mais calmo, refleti sobre a situação e resolvi que iria tentar mais uma vez na próxima semana, pois

---

<sup>17</sup> é uma expressão em inglês que significa literalmente “menino de escritório”, e consiste no cargo do profissional responsável por realizar diversas tarefas rotineiras nas empresas, como o transporte e distribuição de correspondências, documentos, objetos e demais mensagens.

<sup>18</sup> Uma cooperativa composta por artistas e fazedores de cultura, que prestavam serviços para instituições públicas e privadas através de convênio de trabalho.



afinal de contas, eu era adulto e capoeirista, ou seja, com condições de adaptação e de desenvolver saberes que pudessem dar conta deste desafio.

Assim, antes do encontro seguinte, conversei com a pedagoga responsável pelo projeto, que após me ouvir atentamente, disse que este tipo de situação era muito comum no início da criação de vínculos, falou também sobre o difícil contexto social que as crianças viviam e que a oficina de capoeira tinha por objetivo construir um espaço de promoção da cidadania baseada nos princípios organizacionais da capoeira e na observância do Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>19</sup>. Finalizou nosso diálogo, citando Paulo Freire e indicando a leitura de materiais relativos à educação popular.

A frustração da primeira aula no centro comunitário. A dúvida em continuar atuando junto a este projeto. O diálogo com a pedagoga e as suas indicações de leitura sobre educação popular. Fizem que eu revise paradigmas, ampliando meu entendimento sobre as potencialidades da capoeira e modificasse minhas práticas educacionais que, mesmo sendo através de uma cultura popular, trazia resquícios do ensino formal, escolar, que percebia o educando ou educanda como alguém destituído de saber e de querer, cabendo assim, ao educador, a tarefa de dar a direção e de depositar o conhecimento, algo que Paulo Freire (2014, p.79) denunciava como educação bancária, onde o educador deposita conteúdos no educando, sem estabelecer um processo de diálogo ou ensino-aprendizagem.

Após superar este momento de crise. Modifiquei minha forma de entender os processos educativos e as relações historicamente estabelecidas entre grupos incluídos e excluídos no Brasil, ao mesmo tempo, que aumentei minha confiança na capoeira como instrumento de transformação social.

Com este novo entendimento, qualifiquei cada vez mais minha prática e ampliei minhas ações de ensino aprendizagem para outros bairros da cidade, às vezes de forma voluntariada, mas na maioria das vezes, como contratado para atuar em projetos sócio-educativos.

Na busca de querer me especializar cada vez mais, em 2000, matriculei-me na ULBRA – Universidade Luterana do Brasil, no curso de Educação Física, através de uma iniciativa chamada BRASIL 500 ANOS, onde a universidade facilitava o acesso ao ensino superior, substituindo o modelo de seleção via vestibular, por uma redação temática e também oferecendo aulas aos sábados o dia inteiro.

---

<sup>19</sup> É o principal marco legal dos direitos das crianças e dos adolescentes no Brasil.

Esta iniciativa estimulou vários capoeiristas, como eu, que durante um tempo conseguiram pagar as mensalidades de uma ou duas disciplinas, mas no fim, tiveram que desistir por falta de dinheiro.

Esta experiência de vivenciar o ambiente universitário durante alguns meses e depois ter que desistir, impactou negativamente meu processo de formação. Levando-me a questionar a legitimidade e a eficiência dos saberes acadêmicos, nas atividades práticas de educação popular. Hoje, percebo que foi uma forma de amenizar a frustração de não poder continuar cursando as disciplinas de educação física.

Nesta encruzilhada de saberes, optei por aprofundar meus conhecimentos nas culturas populares afro-brasileiras, sempre tendo a capoeira como fio condutor e como atividade profissional.

Com efeito, de 2000 a 2003, além de continuar atuando nos projetos sociais, realizei e participei de diversos seminários, oficinas, palestras e encontros que visavam pesquisar, preservar e divulgar valores éticos africanos, presentes em diversas expressões culturais, como elementos pedagógicos ancestrais.

Como resultado de todas estas vivências, aprendi que a ação pedagógica jamais pode ser subestimada, diminuída, sendo necessária uma preparação competente para poder ter uma prática condizente. Que numa relação de ensino-aprendizagem, o educador deve considerar o contexto social e os conhecimentos do educando. Percebi que os tempos são relativos e muitas vezes o processo é mais importante que o resultado imediato. Aumentei minha confiança nas práticas pedagógicas inerentes à cultura popular. Compreendi que além de desenvolver conteúdos, o ato educacional deve estimular a reflexão social. Conscientizei-me, que numa sociedade alicerçada na discriminação de raça, gênero e classe, uma prática educativa transformadora deve ter em pauta estas questões. Constatei que a ideia da meritocracia é uma falácia e que por mais vontade que as pessoas, de menor poder aquisitivo, tenham em cursar o ensino superior, isso somente é possível através de políticas que ofereçam possibilidades concretas de acesso. Que de todos estes marcadores de exclusão, o racismo é o mais perverso, sendo necessário um trabalho coletivo em várias instâncias para diminuir seus efeitos.

Estas reflexões levaram-me a tomada de novas decisões, como a fundação de uma organização para atuar na luta antirracista, na implementação de um projeto social afro centrado e na abertura de um espaço cultural para ensinar capoeira angola e promover outras manifestações culturais de matriz africana em Porto Alegre.

### **Africanamente, Ori Inu Erê, Escola de Capoeira Angola, Ponto de Cultura.**

Considerando que algumas ideias eram inviabilizadas pela falta de uma entidade com personalidade jurídica, que pudesse estabelecer parcerias e convênios. Em 2003, juntamente com alguns amigos, criei a ONG<sup>20</sup> Africanamente – Centro de Pesquisa, Resgate e Preservação de Tradições Afrodescendentes. A partir deste momento ampliei e potencializei o meu fazer cultural, mas agora, com um grupo de pessoas que conscientes da necessidade de fazer algo para minimizar os efeitos do racismo, foram se somando na luta e ajudando a promover a cultura de matriz africana, em especial a visão de mundo dos bakongo, como uma proposta de um novo viver em sociedade.

No ano seguinte, através de uma parceria com uma empresa do setor privado, criamos o Projeto Ori Inu Erê<sup>21</sup> – Valores Civilizatórios Africanos na Construção de um Mundo Melhor, com o objetivo de contribuir na reconstrução identitária de crianças e adolescentes afrodescendentes, moradoras de uma comunidade periférica de Porto Alegre, através do compartilhamento de princípios éticos inerentes ao povo bakongo, transmitidos através das oficinas de capoeira, percussão, canto, teatro, contação de histórias e hip hop.

A experiência positiva do Projeto Ori Inu Erê e a crescente demanda por conhecimentos relativos a cultura e a história dos africanos no Brasil e na África, gerada pela aprovação da Lei 10.639/2003 que tornou estes conteúdos obrigatórios na educação básica, me deram confiança para abrir com recursos próprios, um espaço cultural onde estas e outras informações pudessem ser compartilhadas.

Então, em 2006, inaugurei a Africanamente Escola de Capoeira Angola. Dedicada à pesquisa e promoção da capoeira angola, juntamente com outras práticas culturais e filosóficas de tradição bakongo. A escola é fruto das sementes que foram plantadas em 1988, quando iniciei na capoeira, e que no decorrer dos anos foram germinando, através das vivências como educador popular e que amadureceram nas experiências adquiridas nos seminários, eventos e palestras que realizei e participei.

Com o passar dos anos, diversas atividades foram realizadas na e através da escola de capoeira, inclusive com a presença de muitos mestres e mestras das mais variadas expressões

---

<sup>20</sup> Organização não governamental, sem fins lucrativos.

<sup>21</sup> Ori Inu Erê, é uma expressão do idioma iorubá, que significa “A identidade da Criança”.

da cultura popular e dos mais longínquos cantos do país, que aumentaram e qualificaram nossos conhecimentos e a responsabilidade da nossa missão.

Com efeito, a Africanamente tornou-se uma referência na luta antirracista e na promoção de atividades voltadas para a divulgação e preservação das culturas afrodescendentes no Rio Grande do Sul.

Em 2012, participamos de um edital do Governo Federal, que tinha por objetivo potencializar e reconhecer como ponto de cultura, iniciativas de grupos e coletivos culturais do Rio Grande do Sul.

Dentro de mais trezentas propostas inscritas, fomos selecionados, em segundo lugar e no final de 2013, firmamos convênio com o Ministério da Cultura.

A Africanamente Escola de Capoeira Angola, incluiu o termo ponto de cultura no seu nome, e durante os 03 anos previstos como parceria, recebeu recursos financeiros para serem aplicados na aquisição de bens e materiais que possibilitassem a ampliação das atividades desenvolvidas pela escola.

Com efeito, os recursos investidos através do ponto de cultura possibilitaram a organização das atividades por eixos temáticos, qualificaram as linguagens artísticas desenvolvidas nas oficinas, palestras e seminários, oportunizou a exibição de vídeos e facilitou a realização de intervenções culturais na rua e o intercâmbio com outros grupos culturais.

A criação da ONG, a abertura da escola de capoeira, o projeto Ori Inu Erê e a participação no processo seletivo que levou ao reconhecimento do nosso trabalho como Ponto de Cultura, foram momentos desafiadores que exigiram conhecimentos relativos a criação, planejamento e gerenciamento administrativo.

O desenvolvimento destas competências mobilizou significativos esforços e investimentos pessoais, muitas vezes desconfortáveis, que suscitaram dúvidas e reflexões sobre a capacidade de continuar, avançar ou permanecer na situação de executor de planejamentos elaborados por outras pessoas, ou passar para outro nível profissional, onde os projetos seriam pensados por mim, na intenção de uma transformação social através do combate ao preconceito e discriminação racial. Esta situação, foi superada com base na observação dos positivos resultados obtidos em experiências anteriores, geradores de autoconfiança e coragem para lidar com as questões elencadas acima.

A chegada a esta etapa, também exigiu a formação de novos multiplicadores que trouxeram seus saberes. E como já foi falado anteriormente, quem ensina, também aprende. Todas as pessoas que participaram das ações da Africanamente foram de certa forma, professores, professoras e principalmente estímulos para meu crescimento profissional e pessoal. Tanto que mais uma vez resolvi tentar acessar o ensino superior. Só que desta vez, na universidade pública.

### **Universidade Federal, Mestre de Capoeira, Prêmio Culturas Populares.**

O sistema de cotas adotado em 2008, por algumas universidades federais, movimentou a vida de estudantes, familiares, amigos, em fim, a sociedade em geral, que passou a vislumbrar possibilidades, até então, muito distantes, de poder acessar ao ensino superior público e gratuito.

Sendo o espaço da Africanamente, um local de intensa circulação de pessoas, informações e inspirações, não demorou, para que eu me influenciasse também, resgatando o desejo, juntamente com o entendimento da importância, dos saberes acadêmicos nas práticas culturais populares. No entanto a experiência anterior, de não ter conseguido continuar nos estudos, ainda me causava um sentimento de fracasso, de impotência, aliado ao fato de me sentir velho, estava com 43 anos, para querer entrar na faculdade, uma experiência socialmente atribuída aos jovens.

Situação que me colocava em mais uma encruzilhada da vida, mais um incidente crítico, pois a opção em tentar o ensino superior novamente era uma decisão a ser tomada, que exigiria a mudança de paradigmas, de crenças limitantes.

Então, como nos ensina o ditado popular, a palavra convence, mas o exemplo arrasta. Ao observar pessoas que, estavam em situações, em momentos de vida, semelhantes a minha, acreditando na possibilidade de continuar estudando, ousando acreditar no sonho de ter uma faculdade<sup>22</sup>, tomei coragem para também encarar este desafio.

No final de 2012, prestei vestibular e passei, como cotista, para o curso de Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Um momento de muita alegria e de sentimento de realização, para mim e meus familiares.

As vivências obtidas junto aos professores e professoras da ESEFID - Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança, trouxeram novas práticas pedagógicas, apoiadas em conhecimentos relativos ao campo biológico, social e educacional da cultura do movimento humano.

---

<sup>22</sup> Expressão usada popularmente, para designar que conseguiu terminar o ensino superior.

Reconhecer estes saberes como aliados no processo educacional de caráter popular, foi uma tarefa que exigiu a revisão de conceitos estabelecidos nas minhas vivências como oficinairo cultural, mas principalmente enquanto capoeirista, que militou contra a aplicação da Lei 9696/98, que restringia o ensino da capoeira e de outras atividades de caráter corporal, somente para profissionais da educação física registrados no CREF – Conselho Regional de Educação Física.

Assim, minha experiência universitária teve início, com este misto de sentimentos, que aos poucos foi sendo superado, na medida em que percebia que o papel da universidade perante a sociedade, não era algo dado, mas sim uma permanente construção, assim como a própria educação.

Todos os campos de aplicação da educação física me interessavam, porém as disciplinas sócio-culturais davam sentido a minha presença naquele lugar e na prática e ensino da capoeira, como uma atividade que ia além do esporte ou do treinamento físico, apesar de reconhecer e respeitar as potencialidades da mesma para estes fins.

Os estágios realizados nas escolas me permitiram experimentar um fazer pedagógico baseado nos saberes adquiridos nas minhas aprendizagens na capoeira, nos trabalhos como educador popular e nas aulas da universidade. Uma prática diferenciada de ensinar, aprender e de se relacionar, respeitando tudo e todas as pessoas do entorno.

Buscando uma forma de agradecer e contribuir para que mais pessoas pudessem conhecer a capoeira, escolhi como trabalho de conclusão de curso, pesquisar o início e desenvolvimento desta cultura na cidade de Porto Alegre. Uma proposta inédita, realizada com êxito, envolvendo a participação de diversos mestres que tiveram suas histórias contadas, ficando um legado para futuros estudos sobre a capoeira no Sul do Brasil.

Em virtude de compromissos familiares e profissionais, demorei 06 anos para me formar, e somente em agosto de 2019, recebi o certificado de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, numa linda cerimônia no Salão de Atos, onde minha mãe estava sentada na primeira fila, comemorando muito feliz.

Neste mesmo ano, fui comunicado por mestre Renê Bittencourt, que chegava a minha hora de ser reconhecido como mestre de capoeira, em virtude dos ensinamentos adquiridos e dos trabalhos realizados durante estes 31 anos de vivências junto a esta cultura.

Mestre Renê, me orienta pelos caminhos da capoeira, há mais de duas décadas. Eu o conheci em novembro de 1996, quando ele veio à Porto Alegre, para ministrar uma oficina na EPA – Escola Porto Alegre<sup>23</sup>. De imediato houve uma identificação, a princípio relacionada

---

<sup>23</sup> A Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA) é uma escola da Rede Pública Municipal, criada em 1995 para o atendimento especializado a adolescentes e jovens em situação de risco social e pessoal.

às questões específicas da capoeira, mas que foi se transformando numa relação pessoal, afetiva, potencializadora de diversos momentos que foram descritos neste trabalho.

Para ser reconhecido como um mestre de capoeira, além tempo de prática, é necessário o desenvolvimento de diversas competências que vão além dos fundamentos básicos da arte como saber jogar, tocar. Abib (2006, p.92) afirma que mestre é aquele que é reconhecido como o detentor de um saber que encarna as lutas das gerações passadas, e tem a missão quase religiosa de disponibilizar esse saber, àqueles que a ele recorrem.

Assim é fundamental compreender e exercitar os princípios éticos e filosóficos desta tradição, num processo dialógico com as dinâmicas da sociedade. Além disso, sabedoria para criar relações mais profundas, entre mestre e discípulo, que possam ser mais do que um processo de ensino-aprendizagem de conteúdos técnicos e sim, um processo de formação humana afetiva e integral.

Souza (2011, p. 55), afirma que a relação do mestre com o aluno na capoeira é uma relação extremamente importante porque ela é pessoal, e os ensinamentos são transmitidos como se fosse um segredo, com certo grau de intimidade. O mestre preocupa-se em estar próximo dos alunos. Os movimentos são feitos bem de perto, ele ensina pegando em sua mão, vai “ajeitando” o seu corpo. Todo esse processo é próprio da pedagogia africana; é uma forma rica de suscetibilidade na passagem dos movimentos, através dos toques.

Assim, em observação a todos estes critérios, que fizeram parte do meu processo de formação e na minha forma de compartilhar ensinamentos, em Outubro de 2019, no encontro “O sabor do saber ancestral”, que reuniu vários mestres e mestras, na cidade de Salvador/BA, recebi pelas mãos de Mestre Renê e sob os olhares de diversos alunos que me acompanham há anos, meu diploma de Mestre de Capoeira Angola.

O reconhecimento da minha mestria, publicamente declarada, pela pessoa que mais sabe das minhas potencialidades neste assunto, causa um efeito muito maior do que o ato em si, pois a palavra para os afrodescendentes, conforme Filho, Alves (2017) é algo divino, investida de um poder de realização, transmitido através do hálito, da vida e da história e poder daquele que a profere.

Então, confiante nesta ideia, resolvi participar da 7ª Edição do Prêmio Culturas Populares – Edição Teixeira, um concurso promovido pela Secretaria da Diversidade Cultural (SDC), vinculada ao Ministério da Cidadania do Governo Federal, com objetivo de identificar e premiar 250 iniciativas e trajetórias de coletivos e mestres relacionados às culturas populares.

A compreensão de culturas populares adotada no edital foi de acordo com o proposto na 25ª Conferência Geral da UNESCO, realizada em 1989, que definiu a cultura tradicional e popular como “o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural, fundadas na

tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressões de sua identidade cultural e social”.

Ao todo foram avaliadas 909 inscrições, a partir da análise do portfólio cultural, que consistia de relatório descritivo, acrescido de fotografias, cartas de reconhecimento, certificados, links de vídeos e redes sociais, que pudessem comprovar adequadamente o fazer cultural do grupo ou da pessoa inscrita. As pontuações foram atribuídas conforme a relevância, consistência e abrangência dos trabalhos e as premiações foram divididas igualmente para as 05 regiões do Brasil.

Quando saiu a listagem<sup>24</sup> final, fiquei surpreso e feliz, ao constatar que a minha iniciativa, que concorreu com experiências inscritas de fazedores de cultura dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, foi a melhor avaliada, sendo a única que alcançou a pontuação máxima na região Sul.

Com efeito, entrei para o rol de mestres da cultura popular do Brasil, passando a integrar um seletivo grupo de detentores dos saberes tradicionais, reconhecido e certificado pelo ministério da Cidadania, através da Secretaria da Diversidade Cultural.

Os momentos vividos e as aprendizagens adquiridas no espaço da universidade contribuíram no entendimento e na teorização das práticas educativas que eu já realizava junto aos projetos sociais. Ampliaram o meu entendimento sobre utilização da capoeira como instrumento de promoção de saúde, desenvolvimento psicomotor, prática e treinamento esportivo, bem como a sua abordagem no campo da recreação e do lazer.

O reconhecimento oficial como mestre de capoeira, aumentou o meu compromisso com esta cultura e com as pessoas que me acompanham. Fortaleceu a crença nos valores da capoeira como ferramentas úteis na construção de cidadania e transformação social. Legitimou processos de aprendizagens baseadas na cosmovisão africana, de grande importância não só para a educação, mas também para a construção de uma identidade cultural brasileira.

A classificação, em primeiro lugar da região sul, na 7ª edição do Prêmio de Culturas Populares, deu visibilidade às atividades realizadas em caráter cultural, educacional e social. Transversalidades típicas das manifestações tradicionais, que percebem o ser humano e a sociedade como formas complexas e dinâmicas, num processo dialógico constante.

Ao observar estes três fatos, a formação como professor de Educação Física, o reconhecimento como mestre de capoeira e entrada para o quadro nacional de mestres da cultura popular, percebo que eles fazem muito sentido, na medida em que são semelhantes e complementares em sua função, que é a de ensinar, educar, transmitir valores e conhecimentos, onde conforme Moran (2007, p. 10) todos possam aprender de forma mais

---

<sup>24</sup> <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-12-de-30-de-outubro-de-2019-224669685>



integral, humana, afetiva e ética, integrando o individual e o social, a partir de métodos, tecnologias, para construir cidadãos plenos em todas as dimensões.

Compreendendo que a minha trajetória como educador, mestre e gestor, guiada por princípios éticos e filosóficos africanos, em especial do povo bakongo, juntamente com análise crítica da sociedade a partir da percepção dos efeitos do racismo no pleno desenvolvimento dos afrodescendentes em nosso país, foi uma série de experiências exitosas, haja vista, a aceitação e reconhecimento do trabalho até aqui realizado.

Compartilho nas minhas considerações finais, algumas aprendizagens adquiridas, na caminhada descrita neste trabalho, fundamentais na construção de um fazer educacional afro centrado, social crítico e emancipatório, no sentido de colaborar para que mais iniciativas e trajetórias possam ser implementadas na busca de uma transformação social, uma vez, que as desigualdades e dificuldades continuam afetando determinados grupos historicamente alijados de oportunidades, direitos e muitas vezes da sua humanidade completa, ou como dizia Paulo Freire, são impedidas de vir a ser em toda sua potencialidade.

#### **.Considerações finais: síntese das aprendizagens adquiridas.**

Este processo de olhar para o passado e refletir sobre as tomadas de decisões provenientes de determinados incidentes críticos, que numa perspectiva afrodescendente chamamos de encruzilhada, torna possível, somente hoje, após tudo ter acontecido e baseado nos resultados, extrair alguns entendimentos, que chamarei de 05 (cinco) aprendizagens desta caminhada, sabendo que são parciais e passíveis de mudanças a qualquer momento.

A primeira aprendizagem, que fez com que eu revisasse crenças e superasse sentimentos de negação estabelecidas na infância, foi que os negros brasileiros eram descendentes de povos que produziam culturas diversas e tinham histórias milenares, que eram bem maiores que as histórias contadas nas escolas, limitadas somente ao período da escravidão nas Américas. Este novo entendimento, gerou autoestima e desejo de querer saber mais sobre estes povos africanos, sendo que a cosmogonia do povo bakongo se mostrou como uma potente forma de interpretar e ampliar as relações do ser humano com o seu entorno.

A segunda aprendizagem, a partir da constatação que os métodos formais de ensino, que não consideravam as experiências prévias e o contexto sócio cultural das pessoas participantes. Foi construir estratégias de promoção destes saberes, através da modelagem das vivências junto as práticas vinculadas ao universo capoeira, nas formações pedagógicas de caráter popular e nos ensinamentos de vida da filosofia bakongo.

A terceira aprendizagem se apresenta como uma conscientização da ampliação do meu papel como um ser capaz de intervir na realidade estabelecida, de forma autônoma, elaborando iniciativas educacionais e sociais pautadas nas questões étnico raciais. Assumindo, meu protagonismo na transformação desejada, deixando de ser apenas um executor, passando

a ser também, um planejador de ações frente aos desafios colocados aos grupos historicamente excluídos.

A quarta aprendizagem é justamente o entendimento da necessidade de novos saberes que possam dar conta das exigências das dinâmicas dos novos momentos. Fazendo com que buscasse na universidade mais conhecimentos na perspectiva de melhor compreender a cultura do movimento e suas aplicações nos campos esportivos, educacionais, lazer e de promoção de saúde, juntamente com conhecimentos relativos a organização e gerenciamento de espaços privados que tenham a atividade corporal como meio de alcançar os objetivos já colocados neste trabalho.

A quinta e última aprendizagem, em consonância com o presente trabalho, é o compartilhamento destes saberes, visando a formação de novos agentes multiplicadores comprometidos com a transformação social através desta cultura do movimento, chamada capoeira e de todas as práticas a ela relacionadas.

Todas estas aprendizagens resultaram na definição de uma missão, um objetivo a ser alcançado através dos nossos fazeres. Na implementação de valores, que servem como guias de conduta e na aplicação de princípios éticos inspirados na cosmogonia do povo bakongo.

A missão, os valores e os princípios, representam a filosofia, o método de trabalho criado por mim, a partir destes 25 anos de experiência na área da educação através da capoeira, uma cultura do movimento corporal, polissêmica e ainda pouco explorada em sua plenitude.

Este trinômio se faz presente em todas as atividades propostas pela nossa organização ou por pessoas que fazem parte dos nossos encontros de formação.

Servem como guias de conduta da Africanamente, justificando o nome da instituição, uma justaposição das palavras, África + Na + Mente, que nos lembra da importância de ter a África na mente ou a mente na África, como um estilo de vida orientado por valores éticos e filosóficos africanos preservados diáspora.<sup>25</sup>

Como encerramento deste trabalho, apresentarei a missão, os valores e os princípios, que orientam nossa forma de ser e de fazer.

A missão, resultado que almejo alcançar a partir destes fazeres educacionais, é preservar e divulgar os princípios éticos africanos presentes na capoeira angola como um instrumento de transformação social.

Os valores, instrumentos utilizados para harmonizar a pluralidade de opiniões e diferentes experiências, são respeito, equidade, diversidade, fé, honestidade, solidariedade, amor, autonomia, liberdade, acolhimento, humildade, rebeldia, criatividade, coletividade e aprendizagem.

---

<sup>25</sup> Dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica.

Os princípios, crenças que orientam este método educativo, a partir deles são elaborados as atividades específicas de acordo com os objetivos a serem alcançados.

- 1) Reconhecer a África como berço da civilização humana.
- 2) Compreender que o universo está em permanente expansão e construção.
- 3) Perceber que toda a forma de vida traz consigo um poder de realização, de transformação, pessoal e social.
- 4) Entender a unidade corpo, mente e espírito, ou a ausência, desta separação.
- 5) Constituir relações pessoais com base na família extensiva.
- 6) Cuidar das pessoas mais velhas, valorizando e potencializando a sua sabedoria.
- 7) Educar e proteger as crianças.
- 8) Estimular práticas de musicalidade e oralidade..
- 9) Priorizar a coletividade e o fazer comunitário.
- 10) Compreender o tempo como algo cíclico, representado simbolicamente pela circularidade.
- 11) Lembrar e honrar a ancestralidade.
- 12) Potencializar vivências lúdicas e encontros intergeracionais.

É possível perceber que a missão, os valores e os princípios, são partes essenciais nesta metodologia de trabalho resultante das aprendizagens obtidas frente aos desafios impostos pela vida, dos incidentes críticos, dos momentos em que só havia duas opções, parar ou evoluir e seguir caminhando.

No entanto, reconheço que algumas questões ainda merecem ser melhor estudadas, como a presença da teoria social crítica na capoeira, que neste trabalho foi citada, como uma das formas de manifestação das características questionadoras da capoeira. A contribuição do curso de educação física neste fazer pedagógico. As questões de gênero e orientação sexual na proposta educacional apresentada. A relação com os dispostos nos PCNs – Parâmetro Curricular Nacional e as contribuições deste trabalho na aplicação da Lei 10.639/2003.

## REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro R. J. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo de saberes na roda**. Salvador: EDUFBA, 2004.
- BOLÍVAR, Antonio (Org.). **Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Trad. Gilson Souza. Bauru, SP: EDUSC, 2002
- BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: p. 183-191
- FILHO, Eudaldo F. S.; ALVES, Janaína B. **A tradição oral para povos africanos e afrobrasileiros: relevância da palavra**. Revista da ABPN • v. 9, Ed. Especial - Caderno Temático: Saberes Tradicionais • dezembro de 2017, p.50-76
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
- MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**. Histórias, Línguas, Culturas e Civilizações. São Paulo: Global, 2009.
- PALHARES, Leandro Ribeiro. **Capoeiras. O que queremos preservar?** Revista Vozes dos Vales – UFVJM – MG – Brasil – Nº 16 – Ano VIII – 10/2019 [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)
- PEREIRA, Virgínia Areias. **Herança escravocrata e trabalho doméstico remunerado: rupturas e permanências**. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
- PONTE, Helder Fernando de Pinto. **Introdução ao estudo da história de Angola**. Disponível em: [http://introestudohistangola.blogspot.com.br/2006\\_05\\_01\\_archive.html](http://introestudohistangola.blogspot.com.br/2006_05_01_archive.html)
- PRANDI, Reginaldo. **De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião**. Revista USP, São Paulo, nº 46, pp. 52-65, jun./ago. 2000. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/46/04-reginaldo.pdf>
- SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil**. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.8.2019.tde-30042019-193540. Acesso em: 2022-05-31.

SOUZA, Thiago Vieira. **O mestre de capoeira angola ensina pegando pela mão**: saberes, artefatos e rituais no processo de formação. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2011.

VASSALO, Simone. **Identidade negra, cidadania e memória**: os significados políticos da Capoeira de Angola contemporânea. *Interseções* [Rio de Janeiro] v. 13 n. 2, p. 334-350, dez. 2011 –